

O PERIGO VERMELHO

CRISE A Rússia enfrenta turbulências econômicas, com a queda do petróleo, e contamina os ex-integrantes da União Soviética

POR MÁRCIA PINHEIRO

Desde o governo de Vladimir Putin, que se estendeu de 2000 a 2008, a Rússia tenta retomar a influência na geopolítica internacional, como nos anos da Guerra Fria. Um dos trunfos dos novos czares russos para reviver "os tempos de glória" era o contínuo e robusto crescimento da economia. Era.

A crise não poupou o país, a ponto de os analistas financeiros cogitarem retirar a Rússia da turma dos BRICs, o quarteto das economias emergentes mais promissoras do mundo, formado também por Brasil, China e Índia. As agências de classificação de riscos Fitch Ratings e Standard & Poor's (S&P) rebaixaram a nota da gigante, em razão da queda brutal dos preços do petróleo, da fuga de capital estrangeiro, do inquietante processo de perda de reservas internacionais e do pipocar de empresas com sérios problemas financeiros.

A S&P sustenta que o acrônimo bolado em 2001 pelo banco Goldman Sachs agora faz pouco sentido. Desde que a crise mostrou a cara em agosto de 2008, as perspectivas dos quatro países ficaram muito diferentes. Para o analista Frank Gill, a China está em melhor situação no grupo e a Rússia, em pior.

O país é um típico monoexportador e sofre com o tombo do petróleo. Depois de beirar os 130 dólares em 2008, o barril hoje é cotado a cerca de 40 dólares, efeito da recessão no Hemisfério Norte. Como de praxe, os estrangeiros reparariam os investimentos, para cobrir prejuízos mundo afora ou migrar para os mal pagos, mas considerados seguros, os títulos do Tesouro americano.

O banco central russo está enxugando gelo, em pânico, porque o petróleo em baixa causa rombos nas contas externas. Pela primeira vez desde 2007, o país deverá encerrar o ano com déficit

em conta corrente. O rublo, símbolo do poder do Kremlin, é controlado com mão de ferro pela autoridade monetária. Desde novembro de 2008, a banda de negociação, referenciada em uma cesta de moedas, foi ampliada vinte vezes. Com o intuito de desvalorizar o câmbio, o BC torrou nada menos que 210 bilhões de dólares em cinco meses.

fim à farra especulativa, no início de fevereiro, o BC elevou a taxa de juro do overnight e de empréstimos de uma semana, a segunda alta em sete dias, para 12% e 11% ao ano, respectivamente. O presidente da instituição, Sergey Ignatiev, pediu aos bancos que parassem de apostar em quedas adicionais do rublo. Ao elevar o juro, tornou mais caro brin-



LIQUIDAÇÃO. O crédito ao consumidor deve recuar 10% em 2009, diz analista do Citigroup

As reservas internacionais totalizavam 600 bilhões de dólares em meados do ano passado e atualmente somam 388 bilhões de dólares. O rublo despencou 18% em relação ao dólar apenas em janeiro. Críticos dizem que o BC, numa visão míope e perdulária, estaria fazendo o jogo dos especuladores. O mercado sabe tirar o sangue de países encurralados. Todos temos na memória os ataques ao real em 1998 e 1999.

Na tentativa de pôr

car com o dinheiro fácil. Na sequência, o BC aumentou as principais taxas de juro em 1 ponto percentual.

O BC também estrangulou a liquidez.

Reduziu o limite permitido à compra nos seus leilões diários. Passaram para 194,2 milhões de rublos, ante uma demanda estimada em 302 bilhões de rublos. Em janeiro, chegou a emprestar 644 bilhões de rublos por dia.

A contração do Produto Interno Bruto (PIB)

A completa dependência do ouro negro provou ser um modelo falho de crescimento

é inevitável. Segundo Eliana Ribakova, analista do Citigroup, a atividade econômica deve recuar 3% em 2009, principalmente porque o consumo cairá 4,6%, os investimentos serão enxugados em 10% e o ritmo de crescimento do crédito arrefecerá 10%. "As vendas no varejo têm sido movidas por um processo de despoupança da população", diz. Ela lembra que a taxa de desemprego atingiu 7,7% em dezembro de 2008 e os salários reais perderam 4,6% do valor, em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O Banco Central da Rússia rebaixou, na terça-feira 17, a estimativa da retração do PIB de 0,2% para 2,2%. A bolsa de valores de Moscou despencou

das essas lacunas. O processo é trabalhoso e muito lento.

Do lado corporativo, assiste-se a um repeteco do que o Brasil viveu quando o câmbio explodiu em 1999. Acostumadas à fartura de recursos e ao dólar barato, as empresas endividaram-se fortemente em moeda estrangeira. De acordo com o analista Stanislav Ponomarenko, do banco ING, duas metalúrgicas gigantes estão em maus lençóis. A ChTPZ conseguiu um empréstimo de 200 milhões de dólares do Banco de Moscou, a ser pago em novembro deste ano. A TMK tem uma dívida de curto prazo de 2,5 bilhões de dólares e, até agora, só conseguiu refinarçar 600 milhões de dólares, com pagamento em três anos.

Onde há fumaça há fogo? Pode ser. O

tal, mas muitas serão obrigadas a dar um calote brando, ou seja, reestruturar o débito. "Isso tem o potencial de desestabilizar ainda mais o mercado financeiro e o sistema bancário global", diz o texto, na edição de 30 de janeiro.

Na primeira semana deste mês, uma onda de manifestações varreu o país. Mais de 2,5 mil cidadãos reuniram-se em Vladivostok para protestar contra o aumento das tarifas de importação dos automóveis. Em Moscou, 2 mil ativistas de direitos civis, comunistas e aposentados gritaram pelo aumento do preço dos alimentos e do transporte coletivo.

Pela dimensão do país, as vicissitudes da Rússia evidentemente têm impacto significativo sobre o restante do mundo. Mas vários ex-integrantes da antiga União Soviética também enfrentam tormentas econômicas. O sucesso econômico, após a queda do regime comunista, dependia essencialmente do capital estrangeiro, que repentinamente secou.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) muito provavelmente vai negar a segunda parcela de empréstimo à Ucrânia, no valor de 1,9 bilhão de dólares. O país recebeu 4,5 bilhões de dólares em novembro, de um total previsto de 16,4 bilhões de dólares. O FMI havia exigido que o déficit em conta corrente ucraniano não superasse 1% do PIB neste ano. A estimativa do governo é que atingirá 3%. A moeda local, hryvnia, perdeu metade do valor em relação ao dólar nos últimos seis meses e a inflação está rodando a 22% por ano. Os débitos do país somam 105 bilhões de dólares, um valor insustentável, visto que o PIB anual totaliza 140 bilhões de dólares.

No caso da Letônia, o PIB mergulhou 10,5% no quarto trimestre de 2008 e economistas prevêem queda adicional de 10% neste ano. A produção industrial recuou 11,3% no mesmo período, as vendas no varejo despencaram 24,8% no último mês do ano passado e o desemprego atingiu 8,3% em janeiro. Crescem as tensões sociais, porque o governo deve reduzir em 15% os gastos públicos e a verba para a seguridade social. Na última semana de janeiro, um protesto contra a corrupção das autoridades reuniu 10 mil cidadãos. O Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento prevê queda de 3,5% do PIB do país neste ano. •



CÂMBIO. O rublo despencou 18% em relação ao dólar apenas no mês de janeiro

9,4%. No mesmo dia, a agência de classificação de riscos Moody's informou que pode rebaixar os ratings de bancos da Europa Ocidental que possuem subsidiárias no Leste Europeu. Motivo: a profunda desaceleração econômica que a região enfrenta.

Um estudo do Instituto de Economias em Transição, do Banco da Finlândia, aponta outra fragilidade. O sistema financeiro russo é subdesenvolvido, frágil e mal fiscalizado. Não há regras para os mercados de derivativos nem códigos de conduta para evitar o *insider trading*. O governo lançou "a estratégia 2020" com o intuito de preencher to-

jornal japonês *Nikkei* noticiou que Anatoly Aksakov, presidente da Associação Russa de Bancos Regionais, havia submetido uma proposta ao governo para adiar o pagamento de dívidas corporativas com instituições estrangeiras no valor de surpreendentes 400 bilhões de dólares. Aksakov apressou-se em negar a informação.

De acordo com o *Economist Intelligence Unit*, do total de 425 bilhões de dólares da dívida do setor privado, 117 bilhões de dólares vencem até dezembro. O montante total é superior às reservas internacionais russas (302 bilhões de dólares). Algumas empresas eventualmente receberão suporte governamen-